ISSN 1413-389X Temas em Psicologia da SBP - 2000, Vol 8 nº 1, 55 - 66

A elaboração e a formulação de conteúdos na escrita argumentativa[1]

Rosane Maria Alencar da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo

O estudo focaliza aspectos do processo de produção de textos argumentativos, buscando investigar uma relação de interdependência entre os subprocessos de elaboração e de formulação de conteúdos e ênfase dada pelo sujeito às operações de justificação e negociação. Dez estudantes universitários foram solicitados a produzir um texto num computador, explicitar seus pensamentos durante a escrita e explicar, numa entrevista posterior, as alterações realizadas durante a construção do texto. Deste processo, resultaram três tipos de protocolos que, juntos, constituem o *corpus* analisado: a fala dos sujeitos durante a produção textual, o texto final e a entrevista. Os resultados apontam para uma relação de interdependência entre os subprocessos de produção das idéias e textualização, sendo tal relação o próprio recurso de elaboração textual, e para uma ênfase maior à justificação uma vez que mais palavras foram produzidas e mais movimentações foram realizadas quando os sujeitos estavam justificando suas posições.

Palavras-chave: argumentação, escrita, processo, elaboração.

Contents elaboration and production of contents in the argumentative writing

Abstract

This study has focused on aspects of the process of producing argumentative texts. It was aimed at investigating the interdependence relationship between the sub-processes of elaboration and formulation of contents, as wellas the emphasis given by the subjects on the operation of justification and negotiation. Ten university students were requested to produce a text about a given theme using a computer to verbalize their thoughts during the writing process; and to explain, in an interview, the alterations made during the text construction. As a result, three types of protocols, emerged which constitute the *corpus* analyzed : the verbalizations emited along the text production, the final text and the interview. The results pointed out to an interdependence relationship between the sub-processes of ideas production and the text itself, as well as to underlying the text production. A higher emphasis was given by the subjects to the justification operations.

Key words: argumentative, writing, elaboration, process.

A literatura consultada em relação aos estudos que investigam o processo de produção da escrita, segundo Garnham (1985), apresenta duas tendências básicas: (a) estudos que investigam o processo de produção da escrita como sendo invariante, independente do tipo de gênero produzido e (b) estudos que têm investigado a produção da escrita em relação a um determinado tipo textual.

Dentro dessa primeira tendência, tem predominado na literatura consultada a referência aos estudos realizados por Flower e Hayes (1980) e Bereiter e Scardamalia (1987), que propõem modelos teóricos para explicar o processo de produção textual. A referência a esses modelos será feita aqui basicamente quanto à relação que é estabelecida entre os subprocessos de elaboração e

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Argumentação quotidiana: Do planejamento à produção textual*, na XXIX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Campinas - SP, outubro de 1999.

Endereço para correspondência: Rua Alfredo de Medeiros, 91 – Apto. 704 – Edf. Praia de Guaratuba – Espinheiro – Recife/PE. CEP 52021-030 – Fone (81) 32421602 e (81) 99753876 e-mail rosalle@bol.com.br

de formulação de conteúdos no processo de produção da escrita.

Flower e Hayes (1980) desenvolveram um programa de pesquisa buscando responder à seguinte pergunta: o que as pessoas fazem quando estão produzindo um texto? Sua principal ferramenta metodológica foi a análise de protocolos verbais ("thinking aloud"). A resposta, segundo esses autores, é a ocorrência da ativação de um repertório interno de processos de pensamento tais como: o planejamento, o estabelecimento de objetivos, a geração de novas idéias, a revisão do texto escrito (identificação de erros e diagnose de problemas e apresentação de sugestões para resolvê-los). Todos esses aspectos na realidade representam o esforço do escritor na monitoração do seu pensamento.

O modelo envolve três componentes básicos: o planejamento (composto pelo subprocesso de geração, responsável pela organização das idéias e o estabelecimento de metas), a tradução e a revisão (compostos pela leitura e editoração). No planejamento ocorre a organização e o estabelecimento das metas que são alimentadas pelas idéias geradas, ligadas diretamente à memória a longo prazo do escritor. Essas idéias, agora organizadas segundo as metas, passam por uma tradução, que as converte em linguagem escrita. Por fim, o texto produzido é submetido à leitura para ser editado, atividade realizada durante a revisão.

Apesar de Flower e Hayes (1980) criticarem os modelos em estágios, afirmando que esse modelo é hierárquico e recursivo mais do que seqüencial (isto é, a escrita não é vista como um processo com passos ordenados invariavelmente, o invariante é a relação estrutural entre esses passos), não é isso que se apresenta quando é analisado o funcionamento do mesmo. Quando esses autores afirmam que as tarefas de planejar, recuperar informações, criar novas idéias, produzir e revisar linguagem irão todas interagir durante a escrita, essa informação se torna contraditória ao observarmos que a recursividade não aparece entre os componentes da geração e da tradução.

Quanto a esse aspecto, a ausência da recursividade na relação entre os componentes geração e da tradução representa um dos pontos críticos do modelo de Flower e Hayes (1980). Inclusive, têm sido sugeridas reformulações ao modelo, como por exemplo, a proposta por Kato (1993) que sugere uma revisão mais profunda do esquema apresentado, assim como Rojo (1992),

Finalmente, a partir das considerações feitas ao modelo de Flower e Hayes (1980), principalmente quanto ao tipo de relação que se estabelece entre os subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos, algumas questões merecem atenção. O fato de que no processo de produção o escritor apresente uma atenção específica ora à elaboração de conteúdos ora à formulação, não significa que esses processos sejam autônomos (independentes). Parece questionável que, quando o escritor está escrevendo uma determinada idéia (componente da tradução), essa já se encontre totalmente produzida, não ocorrendo um retorno ao componente geração. A formulação, aqui, então, assume um caráter meramente de tradução de uma idéia na sua forma escrita.

Um outro modelo que focaliza a elaboração e formulação de conteúdos no processo de produção textual e que parece fazer uma aproximação maior quanto a uma relação de interdependência entre esses dois subprocessos é o proposto por Bereiter e Scardamalia (1987). Objetivando distinguir os processos mentais superiores envolvidos na produção da escrita, esses autores têm desenvolvido pesquisas utilizando como recurso metodológico a entrevista clínica e os protocolos verbais, com dois grupos de sujeitos: os escritores proficientes e os escritores que não apresentam uma prática efetiva de produção textual.

Segundo esses autores, existem estágios de desenvolvimento no processo da escrita em que as dificuldades para expressar o pensamento em palavras são gradativamente reduzidas, à medida que vai sendo automatizada a atividade de produção textual. A partir desses estudos, Bereiter e Scardamalia (1987) apontam duas estratégias básicas que orientam o processo da escrita: (1) a expressão do conhecimento e (2) a construção do conhecimento (no original "knowledge telling and knowledge transforming", respectivamente).

De forma resumida, nessas duas estratégias, a questão central da produção escrita situa-se no tipo de pensamento que orienta a elaboração dos conteúdos. Esses podem ser escritos de forma direta, sem nenhuma atividade de planejamento, revisão etc., resultando em textos mal estruturados, sem formar um todo coerente e sem um aprofundamento do tópico em questão (expressão do conhecimento). Ou, por outro lado, podem estar sendo processados durante a escrita, gerando alterações no próprio conhecimento do indivíduo, o que resulta num texto coerente, significativo, com elaborações mais profundas do tópico em questão (construção do conhecimento).

Comparando esse modelo com o de Flower e Hayes (1980), percebe-se que, neste, a consideração da existência de interdependência entre a elaboração e formulação de conteúdos apenas ocorre em escritores mais experientes pelo uso da estratégia do tipo conhecimento construído. Ou seja, a interdependência entre esses subprocessos não é vista como sendo inerente ao próprio processo de produção escrita, mas dependente do tipo de pensamento que o escritor utilize na produção escrita.

Considerando esses modelos e suas contribuições para a compreensão do processo da escrita, principalmente o de Flower e Hayes (1980), pelo seu caráter descritivo (Viskil, 1992), é importante considerar que algumas questões ainda permanecem em aberto quanto ao processo de elaboração e formulação de conteúdos.

Uma dessas questões refere-se à dinâmica ou funcionamento dos subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos na produção escrita, necessitando de estudos que os investiguem mais detalhadamente, uma vez que, nos modelos analisados, essa lacuna se faz presente.

Tendo sido apresentada a discussão dos estudos sobre a produção escrita que têm por objetivo a identificação dos invariantes do processo, passamos agora à apresentação de estudos sobre a produção escrita que investigam especificamente um tipo de texto, o argumentativo.

A literatura tem indicado ser relevante o estudo dos processos de produção textual quando consideradas as especificidades dos diversos tipos de textos (Rojo, 1992). Em relação ao texto argumentativo, estudos têm apresentado como resultados que as dificuldades inerentes à própria produção desse tipo de texto podem se resumir em dois blocos: (1) dificuldades relacionadas à elaboração de conteúdos e (2) dificuldades quanto à formulação dos conteúdos produzidos (Marchand, Coirier e Dellerman,1996).

Um outro aspecto interessante, que também necessita ser investigado nos textos argumentativos é a assimetria nos processos de construção das operações (justificação e negociação) constitutivas do texto argumentativo, uma vez que a literatura sobre argumentação, falada ou escrita, faz referência a tal assimetria, pelo menos em dois níveis: (a) na tendência dos sujeitos de se concentrarem mais sobre a produção de argumentos a favor de sua posição que no exame de posições contrárias; e (b) nos estudos que tomam a perspectiva de desenvolvimento e mostram que a habilidade de justificar posições precede a de examinar posições contrárias no âmbito do texto escrito.

Quanto ao primeiro nível, vários estudos têm confirmado essa assimetria, chegando a ser considerada como uma característica inerente à própria atividade argumentativa, independentemente da sua forma, oral ou escrita. Muitas hipóteses têm sido levantadas como explicação para o fenômeno, entre elas variáveis tais como um conhecimento prévio da questão em discussão (Stein e Miller,1993); associada a esse, a presença de crenças e valores no indivíduo seria um elemento que dificultaria a produção de contra-argumentos.

As pesquisas desenvolvidas por Stein e seus colaboradores, citadas em Santos e Santos (1999), para investigar o papel do conhecimento na atividade argumentativa, descrevem uma grande dificuldade dos sujeitos em gerar razões (afirmativas) que possam enfraquecer ou negar a sua própria posição. Os autores justificam esse dado em função de esses sujeitos terem mais conhecimento sobre a posição que estão defendendo do que sobre a posição contrária.

No segundo nível, a literatura tem identificado que a operação de negociação sofre variações de

acordo com a idade dos sujeitos. Investigando a produção de textos argumentativos, Golder e Coirier (1992) identificaram que a partir dos 16 anos é que são encontrados marcadores de negociação nos textos produzidos por seus sujeitos. A explicação para esse desenvolvimento tardio da negociação refere-se à ausência de uma descentração cognitiva que possibilite ao indivíduo considerar diferentes pontos de vista sobre uma mesma questão, aspecto essencial para que a negociação possa acontecer.

Porém, parece que tal explicação não é suficiente para o surgimento tardio de contra-argumentos nas produções de escritores mais jovens, quando se consideram outros estudos. Santos (1997) investigou o desenvolvimento da escrita argumentativa em diferentes idades e os resultados indicam uma diferença na quantidade de contra-argumentos produzidos. Tal resultado sugere a existência de outros fatores que possam explicar a ausência de uma descentração cognitiva, uma vez que contra-argumentos estavam presentes mesmo na produção dos sujeitos mais jovens.

Quanto às questões que têm sido colocadas a partir dos estudos realizados, seja em relação ao processo de produção escrita como invariante, seja quanto às variantes dependentes do tipo de texto produzido, percebe-se uma lacuna na observação do funcionamento dos subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos.

Portanto, a partir da revisão de literatura realizada, parece pertinente colocar que: (1) é empiricamente justificável afirmar-se que os subprocessos de produção de idéias e textualização são interdependentes na produção textual e (2) no caso específico do texto argumentativo, existiria algum tipo de assimetria na forma como os subprocessos permitem a construção de justificação e negociação (operações básicas da argumentação).

Quanto ao primeiro ponto, conforme Coirier (1996), parece ser paradoxal falar de elaboração e formulação de conteúdos como subprocessos independentes, quando se considera que a elaboração de conteúdos precisa de ferramentas lingüísticas para que se realize, bem como que a formulação ocorre sobre os conteúdos que estão sendo produzidos. Dizendo de outra forma, um processo se realiza através do outro; isto, mesmo considerando que os estudos citados se referem a um processo de mudança de foco da atenção do escritor para esses subprocessos (dirigindo-se ora para o conteúdo, ora para a forma), sugerindo que esses seriam independentes; a interdependência ainda permanece como questão, já que existem evidências empíricas para se afirmar que, no mesmo momento em que o foco da atenção do escritor parece estar prioritariamente concentrado nos conteúdos, estão ocorrendo decisões sobre a formulação e que estas redundam em reelaborações e mudanças (às vezes sutis) nos conteúdos do texto.

Com relação ao segundo ponto, os estudos citados, que indicam a assimetria entre as operações básicas da argumentação, têm investigado tal assimetria apenas enquanto produto, ficando "em aberto" o que acontece durante o processo. Quanto a essas questões, Coirier (1996), após uma análise detalhada da literatura nessa área, apresenta como sugestão a necessidade de proposição de novos paradigmas na investigação dos subprocessos (planejamento de conteúdo e textualização) da produção escrita. Sugere, ainda, que sejam propostas novas metodologias que permitam a investigação dos mesmos.

É pertinente explicitar a concepção de argumentação e de texto argumentativo adotadas nesse estudo. A argumentação é vista como uma atividade social na qual um conjunto de premissas e conclusões são apresentadas de um modo direcionado à obtenção de aprovação de uma audiência (Van Eemeren, Grootendorst e Kruiger, 1987).

A aprovação da audiência ou o convencimento é resultado de uma discussão crítica, com o objetivo de resolver uma diferença de opinião (Van Eemeren e Grootendorst, 1994). Essa discussão refere-se a um processo analítico, em que o indivíduo, engajado num processo dialético, testa cada afirmação em face de afirmações contrárias, para resolver a diferença de opinião estabelecida.

Dentro dessa perspectiva, a argumentação apresenta duas operações básicas pelas quais a discussão crítica se realiza: justificação e negociação

(Golder e Coirier, 1992). Quanto à primeira, constitui-se na apresentação de idéias (denominadas de justificativas) com o propósito de justificar o ponto de vista defendido. E a segunda operação é constituída por idéias contrárias à posição defendida (denominadas de contra-argumentos) ou qualquer referência que seja feita a um oponente.

É importante destacar que o termo contra-argumento é tomado aqui num sentido lato, incluindo qualquer idéia que, direta ou indiretamente, desafia o ponto de vista defendido. Concebido assim, não só a crítica direta aos argumentos do escritor, mas as idéias que justificariam a defesa de um ponto de vista contrário ao seu são considerados (Santos, 1996).

Assim, um texto argumentativo, como definido aqui, necessita que sua estrutura apresente (a) um ponto de vista e suas respectivas justificativas, assim como idéias que remetam a uma posição contrária (contra-argumentos, como definido acima) ou qualquer referência feita a um oponente e (b) que essas idéias produzidas estejam integradas, permitindo a construção de um todo coeso. Ou seja, que as duas operações básicas – a justificação e a negociação – estejam presentes.

Dessa forma, o nosso objetivo nesse estudo foi investigar os subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos na produção de textos argumentativos, buscando identificar (1) uma relação de interdependência entre os subprocessos de elaboração e formulação de idéias, e (2) uma ênfase diferenciada dada pelo sujeito às operações de justificação e negociação.

METODOLOGIA

Participaram deste estudo dez estudantes universitários, tendo sido convidados de maneira informal pelo examinador que no momento era professor dos sujeitos. A seleção da amostra foi realizada a partir da aplicação de uma entrevista de caráter informativo, com o objetivo de identificar o nível de familiaridade destes sujeitos com o uso do computador na produção de textos e qual o processador de texto mais utilizado por esses. Tais objetivos justificam-se pelo fato de a tarefa proposta neste estudo ser a escrita de um texto diretamente no computador, sem o uso de papel e lápis.

Vale salientar que os participantes da entrevista não sabiam do caráter seletivo da mesma. Sendo assim, não houve a preocupação de controlar o efeito que a ordem das perguntas pudesse ter na resposta dos sujeitos. Sempre ao final da entrevista, o examinador dizia que entraria em contato com ele, se necessário, quando fosse realizar uma segunda etapa da pesquisa.

A opção de trabalhar com uma pequena amostra justifica-se pelo caráter exploratório do presente estudo e, principalmente, pelos seus objetivos que demandavam uma análise microgenética do processo de produção textual, consistindo basicamente num estudo clínico da produção de cada sujeito. Conforme Meira (1994) aponta, a análise microgenética implica numa descrição detalhada dos aspectos interacionais de atividade, sem perder de vista o significado da atividade em que tais ações se inserem.

Quanto à escolha do nível de escolaridade, justifica-se por dois aspectos: (a) é o período da escolaridade em que mais efetivamente ocorre a produção de textos argumentativos; e (b) a familiaridade com uso de computador como ferramenta para a produção de textos do tipo acadêmicos era mais provável de ser encontrada em sujeitos deste nível de escolaridade.

A preocupação em mensurar ou identificar o nível de proficiência dos sujeitos enquanto escritores não foi necessária, uma vez que todos os sujeitos já passaram por um processo seletivo (vestibular), o qual requisita um nível básico de proficiência na escritura, necessário para a realização da tarefa.

Foram seguidas duas etapas para a realização deste estudo: a produção de um texto argumentativo e a realização de uma entrevista clínica. Na primeira, era solicitado aos sujeitos que escrevessem um texto, individualmente, utilizando um computador, podendo usar como material de apoio, caso achassem necessário, a impressora para imprimir versões do texto. Foi solicitado aos mesmos que durante toda a produção do texto falassem sobre os seus questionamentos, suas dúvidas, enfim, sobre tudo o que estivessem pensando naquele momento. A extensão do texto e o tempo gasto para escrevê-lo foram deixados a critério dos sujeitos.

O tema apresentado foi "A responsabilidade do menor diante de atos de infração penal" por ser esse um assunto polêmico e presente no cotidiano dos sujeitos.Nessa etapa, cada sujeito recebia do examinador as instruções detalhadas do que ele iria fazer. É interessante ressaltar que, nas instruções, o examinador teve o cuidado de não utilizar nenhuma palavra que sugerisse ao sujeito a idéia de argumentação, informando apenas que seria a produção de um texto (no sentido genérico). Se o sujeito demonstrasse dificuldade apenas em entender a solicitação de que ele deveria falar durante a realização da tarefa, o examinador o tranqüilizava dizendo que, antes de começar, faria um ensaio: daria um outro tema para ele treinar durante uns dez minutos.

A necessidade da inclusão da fala durante a realização da tarefa foi percebida a partir do estudo piloto realizado. Além deste aspecto, os estudos da área de produção da escrita, em sua grande maioria, utilizam este recurso metodológico: os chamados protocolos verbais (como pode ser visto no capítulo introdutório deste estudo).

Tendo os sujeitos terminado a primeira etapa, na mesma sala foi realizada uma entrevista clínica com cada um deles individualmente, quando o examinador exibia a fita que havia registrado a realização da tarefa. A partir da exibição da fita, nos momentos em que o sujeito parava ou fazia alguma movimentação que resultasse ou não em uma alteração textual, ele era solicitado a explicar o que estava fazendo ou pensando nesses momentos.

A televisão na função "mudo" foi introduzida para que, neste momento, as justificativas apresentadas não recebessem nenhuma interferência das que já haviam sido apresentadas, durante a tarefa. Ou seja, a entrevista se constituiu em uma fonte adicional de registros do processo da escrita. Assim, as justificativas apresentadas durante a entrevista poderiam coincidir ou não com aquelas apresentadas durante a tarefa.

Basicamente, a entrevista realizou-se da seguinte forma: sujeitos e examinador assistiam à fita e a qualquer movimentação/pausa, o examinador parava a exibição da fita e perguntava ao sujeito se ele se lembrava do que estava acontecendo naquele momento. O objetivo dessas perguntas era esclarecer o significado dos movimentos e alterações realizadas durante a produção do texto, justamente para se resgatar, o mais possível, o processo da produção.

Algumas vezes, não era necessário que o examinador solicitasse justificativas para uma determinada alteração ou movimentação realizada; o próprio sujeito falava, espontaneamente, sobre seu comportamento, e o examinador apenas introduzia alguma pergunta, caso a explicação dos mesmos não fosse clara. Buscou-se, primordialmente, o esclarecimento da fala do sujeito e das respostas apresentadas. Foi desprezada, portanto, a padronização de perguntas. O registro das entrevistas, assim como da tarefa, foi realizado pelo uso de filmadora.

RESULTADOS

Três unidades serviram de base para a análise de dados: as movimentações, isto é, as ações realizadas pelo sujeito durante o processo de produção do texto solicitado, deixassem ou não marcas no texto; as justificativas do sujeito para as movimentações efetuadas nesse processo, e a presença no texto escrito e nas falas dos sujeitos de elementos de justificação para a posição por ele defendida, bem como a presença de elementos que a isso se opusessem (contra-argumentos). Tomados conjuntamente, tais elementos explicitam a realização das operações de justificação e negociação.

Com essas unidades buscou-se capturar no processo de produção textual (a) as possíveis inter-relações entre os subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos na produção de textos argumentativos e (b) se, neste sentido, uma ênfase diferenciada era dada pelo sujeito às operações de justificação e negociação.

Como as unidades descritas acima deixam claro, toda a análise realizada buscou, primordialmente, observar o processo de produção textual dos sujeitos. Para tanto, protocolos foram gerados a partir das transcrições das fitas de vídeo (registro das falas dos sujeitos durante a produção do texto solicitado e da entrevista) e da leitura dos disquetes (registro dos textos produzidos).

Para facilitar a reconstrução do processo de produção textual, os dados foram organizados em três tipos de protocolos: (a) texto final (os textos produzidos); (b) texto em processo (as movimentações e falas dos sujeitos durante o processo de produção do texto) e (c) entrevista (as justificativas apresentadas após a produção textual).

Com relação aos protocolos do tipo texto final a análise centrou-se na identificação dos elementos básicos da estrutura argumentativa (justificativas e contra-argumentos) e na quantificação dos mesmos. A freqüência com que tais elementos apareciam nos protocolos foi tomada como indicadora da atenção dada pelo sujeito às operações de justificação e negociação.

Quanto aos protocolos do tipo texto em processo, o foco de atenção foram as movimentações realizadas, assim como as razões apresentadas pelo sujeito durante a produção do texto. Basicamente dois aspectos foram observados aqui: (a) em medida as movimentações e justificativas apresentadas poderiam ser tomadas como indicadoras de focalização, por parte do sujeito, nos subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos, (b) em que medida essa focalização de atenção se voltava para as operações de justificação e negociação, tomadas individualmente. Além disso, a presença de justificativas e contra -argumentos nas falas dos sujeitos foi identificada e quantificada.

Por fim, nos protocolos do tipo entrevista, a análise centrou-se nas razões apresentadas, após a realização da tarefa, para as movimentações realizadas durante a mesma. Esses protocolos se constituíram em recurso auxiliar para análise, uma vez que acrescentavam informações às falas dos sujeitos durante o processo. Contribuíram, também, para obter informações sobre movimentações feitas sem que o sujeito dissesse qualquer coisa enquanto as fazia.

Na análise desse material foi identificado primeiramente o ponto de vista, uma vez que é esse elemento que define o quadro de referência a partir do qual os demais elementos argumentativos podem ser identificados. Sem essa referência, um enunciado produzido pelo sujeito não poderia ser visto como justificativa ou contra-argumento. Após esse procedimento, foi possível quantificar justificativas e contra-argumentos produzidos pelos sujeitos, bem como observar a atenção que foi dada pelos mesmos às operações de justificação e negociação. Para a identificação desses elementos, utilizaram-se como critérios as marcas lingüísticas presentes no texto, a reconstrução do texto em forma dialógica e o próprio conteúdo das idéias.

Com o objetivo de garantir um grau mínimo de concordância na identificação desses elementos (ponto de vista, justificativas e contra-argumentos) utilizou-se um segundo juiz que realizou a análise dos protocolos individualmente. O índice de acordo, entre os juízes, foi de 78, 39%. As divergências entre os juízes foram resolvidas em sessões de discussões.

A partir de tal procedimento de análise, os resultados encontrados sugerem uma relação de caráter interdependente, entre a elaboração e a formulação de conteúdos. Quando o sujeito estava produzindo uma determinada idéia, logo surgia a preocupação sobre como formular a mesma, e, quando essa estava sendo escrita, voltava-se à idéia em elaboração, com o objetivo de verificar se a forma escrita escolhida estava traduzindo, da melhor forma possível, a idéia em produção. Além da simultaneidade temporal, essa relação circular (interdependente) parecia ser a forma pela qual os sujeitos produziam as suas próprias idéias, conforme pode ser demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1. Exemplo 1: procedimentos utilizados em diferentes momentos.

Texto em processo	Entrevista	Texto final
1	2	3
As infrações penais são mais frequentes no { "infrações penais" , vamos trocar isso aqui "eventuais", né?, não dizer que todo adolescente é um infrator} [faz a leitura do texto. Em Seguida escreve eventuais antes da palavra infrações e acentua a palavra "frequentes"] {no que eu ia falar?} [lê a frase acima]	S: Aí eu voltei e comecei de novo, a dificuldade de escrever, aí o que coloquei ficou né, todo adolescente é um infrator né, tem que colocar que as possíveis, as eventuais infrações são mais freqüentes no adolescente. E: Por que foi mesmo que você botou eventuais? S: Porque eu voltei e eu li depois do ponto eu fiquei com a idéia de que o que eu escrevi é que todo adolescente é um infrator e isso não é verdade, né?	As eventuais infrações penais são mais frequêntes no período da adolescência, porém os jovens desta idade (12 anos em diante) já possuem a capacidade de reflexão sobre o certo e o errado, portanto devem ser responsáveis sobre seus atos de infração penal.

Legenda:
{ } = fala do sujeito
[ ] = descrição das ações realizadas
Negrito = o texto em produção
E: = fala do entrevistador
S: = fala do sujeito

O exemplo acima foi extraído do texto produzido por um sujeito que defendia o ponto de vista de que o menor deve ser responsabilizado pelos seus atos, e vê-se que, quando o sujeito está apresentando a idéia de que o menor não é totalmente responsável uma vez que ele depende de uma boa educação (identificado como contra-argumento em relação ao seu ponto de vista), parece sentir dificuldades em expressar tal idéia, quando escreve a palavra educação.

Como é possível ver na coluna 1 (Tabela 2), o sujeito expressa a idéia de que a educação funcionaria para prevenir a delinqüência juvenil. Na entrevista (coluna 2) ele justifica sua troca – instrução por educação – porque se usasse a palavra instrução estaria restringindo a sua idéia, talvez, apenas a aprendizagens específicas, direcionadas, que o indivíduo recebe durante a sua vida, quer seja na escola ou no grupo familiar. Quando faz opção pela palavra educação, amplia a idéia: além das aprendizagens específicas de uma determinada habilidade, inclui também as aprendizagens de hábitos, valores (formação moral), ou seja, educação num sentido mais amplo.

O que se quer enfatizar aqui é que, mais uma vez, no processo de produção das idéias, a escolha da palavra parece ser, ela mesma, o recurso usado para a formulação precisa da idéia em questão. Outra parte desse mesmo protocolo parece indicar que o sujeito novamente apresenta preocupação de mesma natureza da anterior:

A idéia de que caso ocorram infrações na vida de uma pessoa, estas são mais freqüentes no período da adolescência precisou do acréscimo da palavra eventuais para dar o caráter probabilístico de ocorrência dessas infrações. A escrita inicial (o próprio sujeito faz essa observação, tanto no processo quanto na entrevista), transmitia a idéia de que todo adolescente automaticamente cometeria uma infração. Com a inclusão da palavra eventuais, a idéia parece ser, então, restringida.

Como é possível observar neste exemplo, assim como nos anteriores desta seção, o sujeito tem algumas palavras (opções de significantes) em sua memória de trabalho e preocupa-se com a escolha de uma que expresse de forma mais clara e precisa a sua idéia. Novamente, uma tomada de decisão quanto à textualização parece ser, ela mesma, o meio pelo qual um conteúdo é produzido. Com esses exemplos, o que se quis enfatizar foi que, em qualquer uma das subcategorias descritas, a preocupação com a textualização se fez sempre presente no processo de produção das idéias.

Quanto à existência de uma ênfase diferenciada dada pelo sujeito às operações de justificação e negociação durante a elaboração e formulação de conteúdo, foi possível identificá-la a partir de três indicadores: (a) a quantidade de movimentações realizadas durante o processo da produção do texto quando da realização das operações mencionadas, (b) a quantidade de palavras faladas e escritas que se relacionam às mesmas operações e (c) a quantidade

Tabela 2. Exemplo 2: procedimentos utilizados em diferentes momentos.

Texto em processo	Entrevista	Texto final
1 Pois ele depende de uma boa instrução [lê o parágrafo] {eu tenho que explicar porque o menor instruído adequadamente desde pequeno ele não vai ser um infrator, né} [apaga instrução] educação	2 E: Você apagou instrução e escreveu educação, você lembra por que você fez isso? S: Porque instrução é uma coisa que você, eu acho, que é diferente. A diferença entre instrução e educação, você ser instruída é fazer uma atividade e educação é uma coisa mais abrangente, né? Que envolve conceitos, eu queria colocar a coisa que tivesse mais um conceito moral, educação é uma coisa bem mais que apenas instrução.	3 O menor não é totalmente responsável pelos seus atos delinquentes, pois ele depende de uma boa educação

Legenda:

{ } = fala do sujeito

[ ] = descrição das ações realizadas

Negrito = o texto em produção

E: = fala do entrevistador

S: = fala do sujeito

dos elementos de justificação e negociação produzidos pelos sujeitos, tanto no processo de escrita (texto em processo) quanto no produto final apresentado (texto final).

Considerando as movimentações realizadas durante a produção do texto (texto em processo), categorizadas na seção anterior, buscou-se observar com que freqüência tais movimentações estavam vinculadas a conteúdos de justificação ou a conteúdos de negociação, elementos da estrutura argumentativa que já haviam sido identificados na primeira fase de análise de dados. Como resultado ocorreram mais movimentações quando os sujeitos estavam justificando sua posição do que quando estavam negociando. O total de movimentações ocorridas na justificação foi de 60,3%, contra 39,6% na negociação, diferença esta considerada significativa quando aplicado o teste de Wilcoxon ($Z = -1,95$; $p = 0,02$; prova unilateral com $p < 0.05$).

Considerando as palavras produzidas tanto no texto final (escritas) como no texto em processo (faladas), observa-se que foram produzidas mais palavras na operação de justificação quando comparadas em relação a de negociação. Em todos os sujeitos a produção de palavras referentes à justificação foi maior que em relação à negociação. Essa diferença foi significativa ($Z = -2,19$; $p = 0.01$ – prova unilateral/Wilcoxon). Diante desse resultado, pode-se dizer que os sujeitos apresentaram uma atenção diferenciada à justificação, quando considerada a produção de palavras.

Observando em separado as palavras escritas e as faladas, relacionadas às duas operações, encontra-se também uma diferença significativa em relação à justificação. Nas escritas, foi encontrado um $p = 0,01$ e nas palavras faladas um $p = 0,02$, portanto, significativos. Esses dados sugerem uma ênfase na justificação. Isso significa que os sujeitos escreveram e falaram mais quando estavam justificando suas posições do que quando estavam negociando.

A quantidade de justificativas – idéias que justificam a posição defendida – na comparação emtre o final e o texto em processo praticamente permanece a mesma. Apenas um sujeito (S2) produziu uma justificativa a mais no texto em processo, que não aparece no texto final.

O mesmo não aconteceu em relação à produção de contra-argumentos – idéias que refutam ou enfraquecem a posição defendida. Observando os protocolos, percebe-se que nem sempre, quando um contra-argumento era produzido, ele era escrito. A quantidade de contra-argumentos, na comparação entre o processo e o produto textual (texto final), foi maior no processo do que no texto final, o que indica que alguns contra-argumentos produzidos durante o texto em processo não se materializaram na forma escrita no texto final. Diferentemente do que ocorreu com as justificativas, em que apenas um sujeito apresentou mais suportes no processo que no texto final, aqui, dentre os dez sujeitos, cinco apresentaram mais contra-argumentos no processo que no texto final. Selecionamos, para efeitos ilustrativos, um desses casos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Considerando a discussão sobre haver ou não uma relação de interdependência entre os subprocessos de elaboração e formulação de conteúdos, os resultados deste estudo sugerem uma relação de caráter interdependente entre estes dois subprocessos, visto que esta relação foi uma constante nos protocolos analisados. A partir desses resultados, pode-se representar a relação entre formulação e elaboração de conteúdos, graficamente, como um movimento circular interativo, como bem foi demonstrado nos exemplos apresentados e ilustrados na seção anterior.

Os subprocessos recebiam, constantemente, influência um do outro. Quando se estava produzindo uma determinada idéia, logo surgia a preocupação sobre como textualizá-la e quando essa estava sendo textualizada, voltava-se à idéia em produção com o objetivo de verificar se a forma escrita escolhida estava traduzindo, da melhor forma possível, a idéia em produção. Além dessa simultaneidade temporal, é interessante destacar que essa relação circular

(interdependente) parece ser a forma pela qual os sujeitos produziam as suas idéias.

Em relação ao modelo de processamento cognitivo de Flower e Hayes (1980), os resultados apresentados permitem questionar sua linearidade quanto aos subprocessos elaboração e formulação de conteúdos. Como já exposto, esses autores se referem à produção de idéias (denominada por planejamento que envolve a geração e a organização) como ocorrendo separadamente da textualização (denominada de tradução). Existiria assim, um planejamento prévio das idéias para depois ocorrer a tradução destas em palavras. Isto não ocorreu com os sujeitos deste estudo.

No entanto, quando comparados esses resultados com os encontrados por Rojo (1992) algumas semelhanças podem ser encontradas: o predomínio de formas de planejamento "on line" no processamento (processo de planejamento em que o sujeito planeja uma idéia inicial e depois vai planejando outras idéias à medida que vai produzindo o texto) e a ausência de um planejamento prévio (conforme o modelo de Flower e Hayes (1980) propunha).

Portanto, em relação à questão da interdependência entre elaboração e formulação de conteúdos, os resultados apresentados aqui confirmam tal relação (relação esta que parece ser o próprio meio – recurso - de elaboração textual) e apontam (visto que o caráter exploratório deste estudo não permite nenhuma generalização) para a necessidade de estudos com amostras maiores para se observar se tal interdependência se confirma.

Quanto à existência de uma ênfase diferenciada, dada pelo sujeito, às operações de justificação e negociação, os resultados confirmam que essas operações receberam uma atenção diferenciada nos subprocessos da produção textual analisados.

Considerando os três indicadores selecionados para se observar tal diferenciação, nota-se que apenas a quantidade de elementos produzidos não apresentou uma diferença significativa. Apesar de terem ocorrido no texto final mais elementos de justificação em relação aos elementos de negociação e no texto em processo mais elementos de negociação que de justificação, essa diferença foi apenas aparente, não sendo significativa.

Porém, cabe ressaltar aqui o valor qualitativo dessa diferença. A ocorrência no processo, de contra-argumentos que não foram escritos no texto final, permite questionar a hipótese – apresentada na literatura como justificativa para a freqüência maior de elementos de justificação em relação aos de negociação – de que os sujeitos apresentam tal desempenho devido a uma ausência de conhecimento sobre o tema em questão (Stein e Miller, 1993). Esses resultados não confirmam tal hipótese, pois uma vez que os sujeitos produziram contra-argumentos e alguns destes não foram escritos no texto final, isto indica que o conhecimento se fez presente. Talvez o que esses resultados possam sugerir seja a existência de um processo de tomada de decisão sobre quais as idéias que devem ou não ser escritas. Pode ser alvo de futuros estudos investigar melhor a produção de contra-argumentos para se observar o funcionamento dessa operação, e identificar quais os critérios que são considerados pelos sujeitos nesse processo seletivo que parece ocorrer com a produção de contra-argumentos.

Dessa forma, essa diferença aponta também para a necessidade de mais investigações que busquem a análise tanto do produto quanto do processo textual. Nesse estudo, por exemplo, caso apenas os textos finais tivessem sido analisados, não se teria conhecimento da produção dos elementos de negociação que não foram apresentados no texto final.

Outra explicação corrente na literatura para o número menor de elementos de contra-argumentação em relação aos de justificação é que a negociação, do ponto de vista do desenvolvimento, é mais tardia do que a justificação. Tal hipótese já tem sido questionada por Santos (1996) em estudos que mostram a produção desses elementos antes mesmo dos 10 anos de idade, quando observadas situações diferentes de produção. Ou seja, parecem ser pertinentes investigações que observem mais o processo de produção desses elementos.

Um outro indicador de diferença de atenção dos sujeitos às operações foi a quantidade de palavras (faladas e escritas) produzidas referentes à justificação e negociação. Observou-se um maior número de palavras produzidas para justificar do que para negociar (diferença significativa). E, mesmo quando foram separadas palavras faladas (processo) e escritas (produto), a diferença (significativa) permaneceu em direção à justificação.

Tal resultado poderia ser questionado caso a diferença entre elementos de justificação e negociação tivesse sido significativa, uma vez que a maior produção de elementos de justificação levaria a uma maior quantidade de palavras faladas e escritas para a mesma. Mas o interessante é que, apesar de não ter sido significativa a diferença em termos de produção de elementos, mesmo assim, os sujeitos apresentaram uma quantidade maior de palavras faladas e escritas para a justificação, sugerindo, assim, uma atenção maior sobre esta operação.

Quanto à quantidade de movimentações realizadas vinculadas às duas operações, também existe uma diferença significativa para a justificação. Tanto nas movimentações locais quanto nas globais, os sujeitos realizavam mais movimentações quando estavam justificando sua posição.

Sintetizando, esses resultados sugerem que nesses sujeitos a ênfase foi maior para a justificação, tanto em relação à quantidade de palavras (faladas e escritas) como em relação à quantidade de movimentos e suas diferenciações. Novamente, é importante salientar que esses resultados, em função da amostragem pequena (caráter exploratório do estudo) não têm nenhum poder de generalização. Porém, oferecem indicações para futuros estudos nos quais, com amostras maiores, possa se confirmar tal diferenciação.

Concluindo, esses resultados permitem apontar algumas implicações e contribuições em três planos diferenciados. Num plano teórico, sugere a necessidade de que os modelos processuais representem adequadamente a interdependência entre produção de idéias e textualização. Como apresentado na introdução desse trabalho, há uma tendência, nos modelos teóricos, para apresentar esses subprocessos de forma linear e de forma pouco detalhada. Tais resultados parecem alimentar a própria discussão teórica quanto ao relacionamento desses subprocessos, assim como a necessidade de investigações com amostras maiores para observar se esta relação de interdependência se confirma.

Num plano empírico, parece ser pertinente sugerir que os modelos gerais de produção textual sejam testados de um modo que atente para as especificidades dos gêneros textuais, assim como o uso de metodologias que permitam capturar o processo textual em seus subprocessos, fazendo análises mais detalhadas desses subprocessos.

Mais especificamente com relação ao processo de produção de textos argumentativos, algumas considerações precisam ser feitas. Apesar de não ter havido uma diferença significativa, a ocorrência, no processo, da produção de contra-argumentos os quais não foram levados para o texto final, parece ser um dado interessante. Tal ocorrência permite questionar algumas das explicações que têm sido dadas a essa assimetria (como por exemplo, a questão do conhecimento), assim como levantar outras hipóteses explicativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bereiter, C. e Scardamalia, M.(1987). *The psychology of written composition.* Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Coirier, P. (1996). Composing argumentative texts: Cognitive and/or textual complexity. Em G. Rijlaarsdam, H. Berg e M. Couzijn (eds.), *Current trends in research on writing: Theories, models and methodology* (pp.317-338). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Flower, L. e Hayes, J. R. (1980). The cognition of discovery: defining a rhetorical plans and juggling constraints. Em L. W. Gregg e E. R. Steinberg (eds), *Cognitive process in writing* (pp.25-37). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Garnham, A. (1985). Introduction: How to study language understanding. Em *Psycholinguistics central topics* (pp.1-15). London: Routledge.

Golder, C. e Coirier, P. (1992). The production and recognition of typological argumentative text markers. *Argumentation, 10*, 271-282.

Kato, M. (1993). *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática.

Marchand, E.; Coirier, P. e Dellerman, P. (1996). Textualization and polyphony in argumentative composition. Em G. Rijlaarsdam, H. Berg. e M. Couzijn (eds.), *Current trends in research on writing: Theories, models and methodology* (pp.366-380). Amsterdam: Amsterdam University Press.

Meira, L. L. (1994). Análise microgenética e videografia: Ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas em Psicologia, 3*, 59-71.

Rojo, R. H. R. (1992). Modelos de processamento em produção de textos: Subjetividade, autoria e monitoração. Em M. S. Z. Paschoal. e M. A. Celani (orgs.), *Lingüística aplicada: Da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplina* (pp. 99-115). São Paulo: EDUC.

Santos, C. M. e Santos, S. L. (1999). Good argument, content and contextual dimensions. Em P. Coirier e J. Andriessen (orgs.), *Foundations of argumentative text processing* (Vol. 5, pp.75-95). Amsterdam: Amsterdam University Press. (G. Rijlaarsdam e E. Espéret, serie orgs., Studies in writing)

Santos, S. L.(1996). Perspectivas no estudo da argumentação quotidiana. Em M. G. Dias e A . G. Spinillo (orgs.), *Tópicos em psicologia cognitiva* (pp.15-27). Recife: Editora Universitária da UFPE.

Santos, S. L. (1997). O desenvolvimento da escrita argumentativa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 49*, 23-42.

Stein, N. e Miller, C. (1993). The development of memory and reasoning skill in argumentative contexts: Evaluating, explaining and generating evidence. Em R. Glasser, (ed.), *Advances in instructional psychology* (pp.285-335). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Van Eemeren, F. H. e Grootendorst, R. (1994) Writing argumentative texts: From analysis to presentation. Em *Studies in pragma-dialectics* (pp. 221-231). Amsterdam:Sic Sat.

Van Eemeren, F. H.; Grootendorst, R. e Kruiger, T. (1987). *Handbook of argumentation theory*. Dordrecht, Holland: Foris Publications.

Viskil, E. (1992). Argumentation and composition. Modelling argumentative writing. Proceedings *II International Conference on Argumentation* (pp.1135-1143). Amsterdam: Sic Sat.

Recebido em: 30/10/99
Aceito em: 08/11/01